

Nomes: Alfredo Domingos Cumbi, Aquelino Aurélio Ramos, Joel Kaptin kindeke, Johander José Padrino, Luis Alves do Carmo.

Literatura sapiencial

O livro de Jonas

Jonas, um profeta que é citado em 2Rs 14,25 que protestou contra o projeto expansionista do rei joroboão II. Porém, o livro de Jonas foi escrito numa época muito posterior ao tempo que ele viveu. É uma releitura pós exílica, mas que teve como referência este profeta, talvez pelo significado do seu nome, ou talvez pelos seus feitos que caracterizaria melhor o que se pretendia transmitir. O livro de Jonas é uma obra literária novelística, uma história baseada na ficção, com objetivo de transmitir uma mensagem por detrás dos fatos narrado.

A história de Jonas é uma crítica ao comportamento exclusivista e nacionalista do povo judeu. Este povo, se achava o povo puro e que não se misturava com os estrangeiros que os consideravam impuros, pois, eles não temiam a Javé. Desta historieta, mostra o estrangeiro como pessoas além das convicções dos judeus. Os estrangeiros são solidários, eles também rezam, fazem sacrifícios e temem a Javé.

Estrutura do livro

O livro de Jonas, pode ser estruturado em duas partes, ou seja, em duas grandes cenas que são paralelas entre si. Esta divisão consiste em:

1. Capítulos 1-2, o primeiro chamado de Jonas para a missão de anunciar a destruição de Nínive e a sua pretensão de fuga para tarso.
2. Capítulos 3-4, o segundo chamado de Jonas para anunciar a destruição de Nínive, a sua aceitação e a conversão dos ninivitas.

Contexto histórico

No corpo do texto em causa, não temos referências de datação de quando deve ter sido escrito o livro de Jonas. Contudo, analisando alguns temas e termos abordados no, podemos nos aproximar do tempo em que este foi escrito. No texto, encontramos termos como puro e impuro, que nos remetem ao período pós exílico, tempo em que dominava o império persa. Os exilados, voltam e desenvolvem a consciência de terem passado um tempo de purificação e que o projeto maior, que estes trazem à terra destruída (Jerusalém), é a reconstrução dos seus muros e principalmente do templo, o qual passa a ser o centro de Todo poder político e religioso exercido pelos sacerdotes e tudo gira em torno do templo. E assim se implanta a teocracia, um governo centralizado no templo e sob guia do sumo sacerdote. Nisto, o povo hebreu se achava o povo eleito e superior a todos os outros; único povo que teme, e que somente ele merecia o perdão e a misericórdia de Javé. Portanto, o livro de Jonas pode ter sido escrito perto entre os anos 400-350 aC.

Alguns aspectos a sublinhar

A narrativa de Jonas foi escrita como expressão da oposição à teologia oficial da época de Neemias e Esdras, apresentando Javé em favor dos estrangeiros. Nesta parte do trabalho, vamos tentar entender o significado dos nomes de pessoas e lugares usados neste livro de Jonas a fim de perceber a mensagem que traz este livro.

O nome de Jonas: Provavelmente, foi usado neste livro lembrando o caráter nacionalista deste profeta no tempo de Jeroboão II. Podemos entender também que Jonas representa os habitantes de Jerusalém que acreditavam em Javé e fechado na sua fé e tradições. A figura de Jonas pode representar este grupo de judeus que não acredita e não aceita que Javé pode ter misericórdia e compaixão por um povo estrangeiro e ainda menos um povo oprimido do povo de Israel.

O livro de Jonas é uma crítica, uma ironia contra o fechamento destes judeus nacionalistas que acreditavam que Javé era só Deus do povo de Israel e não pode atuar a favor dos impuros e dos estrangeiros. É também uma crítica à visão nacionalista que considera o estrangeiro como impuro, alguém que não acredita em Javé. Jonas representa o povo de Israel ou o grupo dos nacionalistas, os que sofreram

a opressão, a perseguição e o exílio. O povo que espera que Deus atue em seu favor para castigar o inimigo. Um povo que na sua história sempre beneficia da ajuda de Javé para vencer os adversários. O autor quer provar o contrário, Deus não vai castigar senão perdoar o opressor.

Nínive: Esta cidade foi conhecida como uma cidade sanguinária, dominadora cruel. O povo de Israel passou a ser dominado por este povo da Assíria pagando tributos. Por isso que ela é considerada como uma cidade de perversão. Portanto, Nínive aqui representa as nações estrangeiras. Neste contexto, o profeta nacionalista é chamado a pregar ou profetizar no meio dos inimigos de Judá.

Os marinheiros: representam, junto com os habitantes de tarso, os povos estrangeiros porque adoravam os deuses enquanto os israelitas adoravam a Javé, deus do Céu (Jn 1,5-9).

A tempestade no mar: é uma manifestação de Deus. O livro mostra que Deus se manifesta em todos os lugares e não só no templo como acreditavam os hebreus.

ATUALIZAÇÃO

Deus se-nos-revela mostrando a sua grandiosíssima benignidade. Compadece-se dos estrangeiros. Deus usa da sua misericórdia como o ato último e supremo para descer ao encontro do povo estrangeiro e pecador para lhe conceder a sua indulgência, e assim se reerguer e retomar o caminho da vida plena.

Papa Francisco convida a todos a uma conversão ética e não somente religiosa. Exorta a todos os cristãos a uma autorreflexão sobre a missão profética de cada um. Aquele que tem uma mensagem de Javé deve entender plenamente e identificar-se com a piedade divina, fundamentando-se na demarcação ética que remete a todos os homens e mulheres para a busca de condições de vida sustentáveis para todos, e reconhecerem no meio deles o rosto da misericórdia divina. Ele oferece o seu rosto a todos os que se arrependem, apesar das limitações humanas, para Javé o importante é a vida plena da humanidade. Ele dá valor à vida humana e ao potencial que cada pessoa tem para se arrepender e aprender a fazer o certo.

“ó homem, já foi explicado o que é bom e o que Javé exige de você: praticar o direito, amar a misericórdia, caminhar humildemente com seu Deus” (Mq 6, 8).